

Dinair Andrade da Silva

**MANUAL PARA ELABORAÇÃO DE
PROJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA**



**Brasília
2020**

SUMÁRIO

Ponderações iniciais, p. 3.

Formalidades para a apresentação do projeto, p. 4.

Informações de caráter geral, p. 4.

Expressões latinas mais utilizadas na apresentação das notas de rodapé, p. 5.

Apresentação das referências bibliográficas mais comuns, p. 6.

Estrutura do projeto de pesquisa, p. 8.

1. INTRODUÇÃO, p. 8.

2. JUSTIFICATIVA, p. 10.

3. OBJETIVOS, p. 11.

4. QUADRO TEÓRICO, p. 12.

5. HIPÓTESES, p. 15.

6. FONTES E METODOLOGIA, p. 17.

7. ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TCC, p. 19.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 22.

9. CRONOGRAMA PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO, p. 23.

Considerações finais, p. 24.

Aporte bibliográfico utilizado na redação deste *Manual*, p. 25.

Apêndices, p. 28.

Ponderações iniciais

O que nos animou a elaborar este *Manual*, foi exatamente a disposição de ajudar nossos estudantes, a superar as suas dificuldades no enfrentamento desta disciplina, que é preparatória para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No caso concreto, alunos de curso noturno, com seus afazeres ao longo do horário comercial, portanto, com tempo limitado para compulsar extensos manuais sobre o assunto.¹

Optou-se então, por produzir um trabalho sucinto, mas que, simultaneamente, pudesse oferecer subsídios essenciais, para a produção de um projeto de pesquisa, compatível com o nível de graduação. Este deve convencer sobre a relevância e viabilidade do objeto de estudo que se propõe desenvolver; ademais de mantê-lo como instrumento norteador no processo de elaboração do trabalho acadêmico.²

Naturalmente, não existe uma estrutura padrão para se elaborar um projeto de pesquisa em História. No entanto, em razão de nossas circunstâncias, e buscando uma melhor maneira para superar as diversas dificuldades, criamos uma estrutura simples, que tem se mostrado didaticamente viável. O projeto deve incluir: Introdução, Justificativa, Objetivos, Quadro Teórico, Hipóteses, Fontes e Metodologia, Estrutura Provisória do TCC, Referências Bibliográficas e Cronograma para a Execução do Projeto.

O estado atual do nosso *Manual*, é o resultado de sucessivos ajustes, que vem sendo efetuados ao longo de mais de três lustres de atividades na Instituição, orientando a elaboração de projetos de pesquisa e dos respectivos Trabalhos de Conclusão do Curso. O estudante incorporou a ideia de que a elaboração do projeto é um trabalho de investigação, leitura e redação. E, neste sentido, não se pode dispensar a disciplina, a criatividade e a organização do trabalho intelectual.

Em decorrência do compartilhamento das noções de Projeto de Pesquisa e de TCC entre os estudantes, consolidou-se entre eles que o projeto é uma proposta particularizada e minuciosa de investigação. E que o seu objetivo é definir o problema e o modo pelo qual será pesquisado. Nesta linha de raciocínio, entende-se que a natureza do projeto é dinâmica; e, se ajusta na medida em que a investigação avança. Em outros termos, o projeto imprime um rumo à investigação e, ao mesmo tempo, a investigação o redireciona na medida de sua necessidade.

Com o propósito de facilitar o trabalho do iniciante, propõem-se perguntas para subsidiar a elaboração de cada seção do projeto. Evidentemente, não há necessidade de o estudante responder tais perguntas, sob a forma de trabalho, para ser entregue ao professor. No entanto, quanto mais adequadas e completas forem as respostas, maior a facilidade de se elaborar um projeto consistente e de qualidade. A experiência de cada semestre tem demonstrado que as perguntas respondidas apressadamente e de forma inadequada, levam à perda de tempo. Acarretam trabalho dobrado para o estudante, que terá de refazer leituras e anotações.

Este *Manual* é constituído por duas partes distintas. Na primeira parte, são disponibilizadas orientações sobre formalidades essenciais, para a apresentação do projeto. Na segunda, apresenta-se, de maneira circunstanciada, a sua estrutura.

¹ Em julho de 2004, Michitoshi Oishi apresentou uma “Proposta para Sistematização de Elaboração de Trabalhos de Fim de Curso, Estágios e Artigos Científicos das Faculdades Integradas da UPIS”. A mencionada proposta estava mais direcionada para a área das Ciências Aplicadas, como Economia, Contabilidade, Administração etc. Percebi então, que havia nela algumas noções que uma vez repensadas e redimensionadas, poderiam ser utilizadas como instrumentos auxiliares na elaboração de Projeto de Pesquisa em História. Neste sentido, utilizei informações contidas naquele documento, para a organização e produção deste trabalho.

² CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 81.

Formalidades para a apresentação do projeto ³

Informações de caráter geral

- a) Tamanho do papel: A4.
- b) Tipo de letra: Times New Roman.
- c) Tamanho da fonte: 12.
- d) Tamanho da letra nas citações maiores que 3 linhas: 11.
- e) Margens: superior 2,5 cm, inferior 2,5 cm, esquerda 3 cm, direita 2,5 cm.
- f) As páginas do projeto deverão ser contadas a partir da primeira. No entanto, a numeração aparecerá a partir da “Introdução”. A numeração deve estar centralizada na parte inferior da página.
- g) Cada item ou seção do projeto deverá dar início à página nova.
- h) Formatação do corpo do texto: espaçamento 1,5 entre as linhas com um “tab” para fazer o parágrafo.
- i) Espaçamento na bibliografia: simples entre as linhas de uma referência e 1,5 entre duas obras ou duas referências, sem recuo (justificado, portanto), com letra do mesmo tamanho da do corpo do texto.
- j) Notas de rodapé (ou de pé-de-página): utilize letra “Times New Roman”, tamanho 10 (que já vem quando a nota é inserida automaticamente), espaçamento simples, justificado.
- k) Citações devem observar as seguintes regras: 1) Se for menor que três linhas, a citação deve integrar o respectivo parágrafo em que aparece, com o mesmo tipo e tamanho de letra do corpo do texto, e com aspas duplas; 2) Se for de três linhas ou mais, deverá constituir novo e exclusivo parágrafo, com espaçamento simples entre as linhas, recuo de um “tab” para todas as linhas da citação. Essa deverá vir com o mesmo tipo de letra do corpo do texto, em itálico, sem aspas e tamanho 11. A citação é sempre seguida pela referência bibliográfica completa, colocada em nota de rodapé.
- l) A redação científica caracteriza-se pela impessoalidade, devendo ser objetiva, clara e concisa. Seguirá necessariamente as normas para a elaboração do trabalho acadêmico.
- m) As notas de rodapé, desde que necessárias e pertinentes, não deverão ser omitidas, pois, ilustram, informam, explicitam, documentam pontos de vista e dão erudição ao texto. Incluem: referências bibliográficas, esclarecimentos, definição de conceitos e termos significativos, dados diversos, informações e explicações adicionais, que sejam inadequadas no texto principal.

³ Entre outros textos, utilizou-se informações normativas que se encontram na obra de Lília da Rocha Bastos *et alii*. *Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias*: anexos ilustrativos e glossário de termos técnicos. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1996.

n) A redação final e definitiva deverá passar por uma revisão lógico-gramatical, antes da entrega ao professor.

o) O projeto deverá possuir folha de rosto, folha de identificação e sumário. Veja os modelos nas páginas 29, 30 e 31 desse *Manual*.

p) Não é permitido o espaçamento entre os parágrafos do texto. A única exceção é a do parágrafo da citação de três linhas ou mais, que deve ser separado por um espaço de 1,5 do parágrafo anterior e do que vem em seguida.

q) O projeto deverá seguir as normas técnicas previstas pela ABNT. As estratégias de execução do trabalho (procedimentos teóricos, metodológicos e técnicos) deverão resultar de um diálogo permanente e construtivo entre professor da disciplina e o aluno.

Expressões latinas mais utilizadas na apresentação das notas de rodapé

Idem. Abreviatura *id.* (Significa do mesmo autor). Refere-se ao mesmo autor, mesmo documento e mesma página. Utiliza-se a palavra latina sem a indicação da página.

Ibidem. Abreviatura *ibid.* (Significa na mesma obra). Diz respeito ao mesmo autor, mesmo documento, porém a página não é a mesma. A palavra é usada seguida do número da página referida.

Opus citatum. Abreviatura *op. cit.* (Significa na obra citada anteriormente). Utiliza-se para reportar a um documento já citado, com outro intercalado.

Apud (Significa junto de, perto de, citação da obra de). Utiliza-se para referenciar um autor, cuja obra você não teve acesso, mas que está indicado no livro que você manuseou. Em outros termos, é a citação de uma citação em outra obra, ou seja, você está citando algo que não viu no original, mas que o autor que você examinou, viu.

Exemplos:

FAUSTO, B. (org.). *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 57.

Id.

Ibid., p. 60.

KAWAMURA, L. K. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 120.

FAUSTO, B. (org.). *Op. Cit.*, p. 67.

KAWAMURA, L. K. *Op. Cit.*, p. 87.

LATOUCHE, S. *A ocidentalização do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 99. *Apud* MATTELART, A. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 122.

KAWAMURA, L. K. *Op. Cit.*, p. 77.

MATTELART, A. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 127.

Id.

Ibid., p. 79.

FAUSTO, B. (org.). *Op. Cit.*, p. 100.

Apresentação das referências bibliográficas mais comuns

Referências mais comuns de livros:

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Em se tratando de obra com dois autores: SOUZA, Benedito Fonseca; SILVA, Geraldo Koch. *Uma introdução...*

Se houver mais de dois autores, faça a indicação do primeiro e acrescente a expressão *et alii*, que significa “e outros”. PEREIRA, Maria Luiza *et alii*. *Uma introdução...*

No caso de obra coletiva: SOARES, Henrique Nunes. (org.). *Uma introdução...*

Referências de artigos científicos publicados em revistas especializadas:

ARAÚJO, Hélio Ribeiro de. “Técnica, trabalho e natureza na sociedade escravista”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 18, nº 35, 1998, p. 287-305.

Referências de documentos oficiais:

BRASIL. Congresso Nacional. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, 2014.

Referências de verbetes de dicionário:

MILITARISMO In: ROBERTS, Genus Krall. *Dicionário de análise política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

Referências de artigos de divulgação publicados em periódicos:

Existem matéria assinada e matéria sem assinatura.

Para matéria assinada proceda assim: BRAGA, Ulo; LAMBRANHO, Lins. “A confissão dos repasses”. *Correio Braziliense*. Brasília, 17 de julho de 2005.

Para matéria sem assinatura: “A operação Paraguai”. *Correio Braziliense*. Brasília, 17 de julho de 2005.

Referências de artigos científicos publicados em fontes eletrônicas “online”:

TRINFOL, M. “Evolução é coisa de sua cabeça”. Junho de 2002. Disponível em <http://www.eldnavaalaescuela.com/evolucao.htm>. Acesso em: 21 fev. 2016.

Referências de filmes ou documentários:

Transcrição dos dados da ficha técnica no material utilizado.



Estrutura do projeto de pesquisa

O projeto será desenvolvido observando rigorosamente a seguinte estrutura:

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, deve-se distinguir tema ou assunto de objeto de estudo. O tema ou assunto dá a ideia de um campo amplo de conhecimento. O objeto de estudo é, por sua vez, uma pequena parte deste. Na verdade, para construir o objeto de estudo é necessário estabelecer recortes, neste campo mais amplo de conhecimento. Estes recortes podem ser de natureza cronológica, temática e espacial.⁴

Exemplo:

Tema ou assunto: “A escravidão negra na América Espanhola”.

Recorte cronológico: “A escravidão negra na América Espanhola no século XIX”.

Recorte temático: “A escravidão negra na América Espanhola no século XIX na produção açucareira”.

Recorte espacial: “A escravidão negra na América Espanhola no século XIX na produção açucareira de Cuba”.

Efetuosos estes (e outros) recortes, torna-se mais fácil delimitar o objeto de estudo:

Objeto: “A escravidão negra na América Espanhola no século XIX: o trabalho escravo no engenho segundo Manuel Moreno Fraginals.” Ou: “O trabalho escravo no complexo socioeconômico açucareiro cubano na primeira metade do século XIX”.

Esta seção inicia-se com uma notícia do projeto que irá ser construído. Esta notícia será elaborada a partir das respostas dadas às questões 1, 2 e 3.

Em seguida, comece a trabalhar o seu objeto de estudo. Para tanto, formule de 7 a 10 problemas que deverão ser solucionados ao longo da pesquisa monográfica a ser desenvolvida oportunamente. Esta problematização do objeto se faz a partir de perguntas dirigidas a ele.⁵

A problematização é, para alguns, um ato continuamente presente na reflexão do historiador. Nasce das inquietações do presente e se desloca do empírico ao teórico e deste para aquele. A sua prática pressupõe reelaboração permanente de conceitos e categorias de análise.

Problematizar é, portanto, interrogar os sujeitos históricos, ou seja, os agentes sociais. O interrogatório é orientado pela formação do pesquisador e pelas circunstâncias que o envolve. Em decorrência deste diálogo, criam-se ou reformulam-se conceitos, buscam-se ou dispensam-se atores conhecidos envolvidos no processo examinado, orientam-se ou reorientam-se a investigação.

Com estes elementos à mão, o estudante-pesquisador formulará com mais facilidade os objetivos a serem alcançados com a execução do projeto. Neste sentido, dê resposta à questão 4.

Finalmente, há que se fazer uma avaliação da produção do conhecimento sobre o tema ou objeto de estudo; ou seja, efetuar uma tentativa de revisão bibliográfica ou da

⁴ Entre outros, utilizou-se BARROS, José D’Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 23-66.

⁵ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo *et alii*. *A pesquisa em História*. São Paulo: Editora Ática, 2003, (Coleção Princípios, nº 159), p. 29-64, ofereceu subsídios para elaboração desta e de outras partes do nosso texto.

literatura. Para isto, devem-se conhecer, pelo menos, sete textos (livros, ou capítulos de livros, ou artigos científicos) importantes que abarcam, de algum modo, aspectos do tema de sua escolha. Atente então para a questão 5.

Questões:

- 1) Qual é o tema?
- 2) Qual é o objeto de estudo?
- 3) Em que área do conhecimento histórico o objeto de estudo está situado?
- 4) Formule de 7 a 10 problemas a pesquisar, definindo o que deverá e o que não deverá ser estudado.
- 5) Comente detalhadamente pelo menos sete textos relevantes, que tratam do objeto de estudo, mostrando aspectos comuns e aspectos que os diferenciam entre si.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase, como a do exemplo posto: Os elementos explicitados a seguir identificarão, preliminarmente, esse Projeto de Pesquisa.



Histórias das Américas

2. JUSTIFICATIVA

Costuma-se justificar a escolha do objeto de estudo a partir de critérios como a relevância social e científica, a exequibilidade ou viabilidade, o interesse pessoal etc.

A relevância social diz respeito à repercussão que o objeto de estudo teve na vida social. É importante que o objeto de estudo construído tenha incidido sobre um conjunto demográfico significativo, provocando transformações densas no quadro social.

A relevância científica está vinculada à repercussão que o objeto de estudo possa ter causado na comunidade acadêmica.

A exequibilidade ou viabilidade do objeto está associada à possibilidade de realização do seu estudo. Às vezes, constrói-se um bom objeto de estudo, mas não há como desenvolvê-lo por alguma destas razões: documentação inacessível, falta de conhecimento de outros idiomas, ausência de preparo intelectual pertinente etc.

O interesse pessoal não pode ser omitido. O estudante deve se envolver com o objeto que irá estudar. Do contrário, o trabalho tornar-se-á muito penoso e o rendimento intelectual pequeno.⁶

A justificativa deverá ser elaborada a partir da discussão das questões 6, 7 e 8.

Questões:

- 6) Explícite a relevância social e científica do trabalho?
- 7) Demonstre a exequibilidade do projeto de pesquisa. (Leve em conta a consistência da documentação e sua capacidade de examiná-la)
- 8) Expõe o seu interesse pessoal pelo objeto de estudo construído.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo dado: Pode-se justificar a importância do objeto de estudo proposto pelas seguintes razões:

⁶ Esta seção está fundamentada nas orientações de CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História. Op. Cit.*, p. 82-85 e de BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. Op. Cit.*, 67-75.

3. OBJETIVOS

Os objetivos podem ser reunidos em duas categorias: geral (de natureza abrangente, abarcando o objeto de estudo no seu conjunto) e específicos (de natureza particular, incluindo o objeto de estudo nas suas partes constitutivas).⁷

O enunciado dos objetivos começa sempre com um verbo adequado no infinitivo. Deverá ser elaborado por meio de um texto breve, conciso e claro. Execute o que se pede nas questões 9 e 10.

Questões:

9) Explícite o objetivo geral do trabalho.

10) Apresente de 6 a 8 objetivos específicos para o projeto.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo a seguir: Com a execução deste projeto, espera-se alcançar os seguintes objetivos:

Observe a maneira adequada de apresentar os objetivos:

Objetivo Geral:

- Examinar...

Objetivos específicos:

- Analisar...
- Explicar...
- Identificar...
- Salientar...
- Explicitar...
- Determinar...
- Explanar...
- Investigar...

⁷ Neste particular, as reflexões de BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. *Ibid.*, 75-78 foram-me também muito úteis.

4. QUADRO TEÓRICO

A escrita da História não é um arrolamento de dados, fatos, datas e personagens. É o relacionamento destes e de outros ingredientes entre si. É a interpretação deles e dos seus sentidos. A escrita da História procura explicar uma relação que ainda não foi revelada.

Esta explicação reúne dois conjuntos fortemente vinculados entre si. De um lado, dados, fatos, datas e personagens; do outro, a interpretação destes elementos. Um conjunto não pode existir sem o outro; e, nem um deles, pode prevalecer sobre o outro. A descrição dos dados, dos fatos, das datas e dos personagens é insuficiente. E a interpretação sem base empírica é insatisfatória.

Neste sentido é que se coloca a questão teórica. Não se interpreta uma realidade sem uma teoria. Mas, o que é teoria? Pode-se afirmar, de maneira simples, que teoria é um conjunto de conceitos que materializa um modo de explicação concatenado da realidade que se examina. O objeto de estudo pode, portanto, ser examinado de distintas formas. É a teoria utilizada que norteia cada uma delas.

Vamos recordar o conceito de “dimensão historiográfica”, discutido pelo Historiador José D’Assunção Barros. Dimensão historiográfica implica em um tipo de enfoque. É, portanto, modo de ver, maneira de observar a realidade que se pretende estudar. Trata-se de um angulo de visão. Entre outros, “História Demográfica”, “História da Cultura Material”, Geo-História”, “História das Mentalidades”, “Psico-História”, “História Antropológica”, “História do Imaginário”, “História Política”, “História Social”, “História Econômica”, “História das Ideias”, “História Cultural”, “História Agrária”, “História Urbana”, “História das Paisagens”, “História da Família e Demografia Histórica”, “História do Cotidiano e da Vida Privada”, História das Mulheres”, “História da Sexualidade”, “História e Etnia”, “História das Religiões e Religiosidade”. Dimensão historiográfica é, por esta razão, teoria.⁸

Exemplos:

Um objeto de estudo vinculado ao processo da emancipação política das colônias hispano-americanas, pode ser examinado por distintas dimensões historiográficas.

A análise poderia focalizar a história das ideias, tão prestigiada nos países de língua inglesa, privilegiando a difusão do Iluminismo na Hispano-América.

De outro modo, a análise poderia utilizar as contribuições de Edward Thompson na busca de novos caminhos do poder e da política para refletir sobre as relações entre a metrópole e suas colônias.

A análise poderia ainda, estar centrada na história social, ressaltando a experiência humana, a cultura, o pensamento e o poder, elementos que incidiram sobre a ação social, no âmbito da sociedade colonial.

Finalmente, a análise poderia utilizar as contribuições da história cultural, buscando descobrir a lógica dos sistemas de pensamento e comportamento dos peninsulares, crioulos, mestiços, índios e negros, nos seus respectivos espaços, na sociedade colonial hispano-americana.

⁸ A obra *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2009 deve ser examinada atentamente. Do mesmo autor, *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*, já citado, p. 79-127.

O quadro teórico é que dá, portanto, sustentação ao desenvolvimento factual do projeto e do TCC, dele decorrente. O quadro teórico está ligado à direção ou rumo que se imprimirá ao texto.

A construção do quadro teórico passa pela inserção do objeto de estudo na “escola” ou na dimensão historiográfica da sua escolha. No exemplo dado acima – processo da emancipação política hispano-americano – uma das possibilidades poderá ser a utilização dos instrumentos fornecidos pela Nova História Política. Não se deve esquecer também a grande contribuição oferecida pela Escola dos *Annales*, pelo Marxismo e pela História Nova.

Para desenvolver as questões de números 11 e 12 consulte o “Aporte bibliográfico utilizado na redação deste *Manual*” inserido às páginas 25-27. Entretanto, para uma consulta mais rápida, veja as obras a seguir identificadas, que oferecem capítulos esclarecedores sobre as dimensões historiográficas.

O trabalho organizado por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas,⁹ oferece reflexões sobre “História Econômica”, “História Social”, “História e Poder”, “História das Ideias”, “História das Mentalidades e História Cultural”, “História Agrária”, “História Urbana”, “História das Paisagens”, “História da Família e Demografia Histórica”, “História do Cotidiano e da Vida Privada”, História das Mulheres”, “História da Sexualidade”, “História e Etnia”, “História das Religiões e Religiosidade”.

A seu turno, a obra de José D’Assunção Barros¹⁰ discute pontos essenciais sobre as seguintes dimensões: “História Demográfica”, “História da Cultura Material”, Geo-História”, “História das Mentalidades”, “Psico-História”, “História Cultural”, “História Antropológica”, “Etno-História”, “História do Imaginário”, “História Política”, “História Social”, “História Econômica”.

De modo geral, diz-se que a teoria orienta a pesquisa. Todavia, não se pode ignorar que o empírico, ou seja, a realidade é que proporciona o surgimento e o aperfeiçoamento da teoria. Há, portanto, um caminho interativo e transformador que vai do empírico à teoria e desta ao empírico.

Por essas razões, pode-se concluir que a análise, compreensão e interpretação das relações sociais, em decorrência de sua complexidade, exigem o instrumental teórico como meio essencial para a reflexão e explicação.

Por outro lado, ainda nessa seção do projeto de pesquisa deverão ser definidos conceitos, termos-chave e categorias de análise, vinculados ao objeto de estudo. A precisão do sentido destes elementos objetiva tornar o pesquisador ciente de como eles serão utilizados no desenvolvimento da investigação.

Retomemos, como exemplo, o objeto de estudo vinculado ao processo da emancipação política das colônias hispano-americanas.

Exemplo:

Torna-se necessária uma discussão sobre termos-chave, conceitos e categorias de análise como “pacto colonial”, “criollismo”, “peninsulares”, “mestiçagem”, “dominação”, “iluminismo”, “acefalia metropolitana”, “capitalismo”, “guerra econômico-competitiva anglo-francesa”, “crise do colonialismo mercantilista”.

A propósito, desenvolva a questão 13. Ressalta-se que a análise destes elementos deve estar permeada pelo contexto do objeto de estudo. A consulta a dicionários

⁹ *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

¹⁰ *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

especializados é imprescindível. O manuseio de dicionários convencionais de linguagem, por exemplo, não deverá ser efetuado por ser inadequado e ineficiente, neste caso.

Esta seção do projeto de pesquisa é composta por duas partes distintas, que se complementam. Na primeira parte, será caracterizada e discutida a dimensão historiográfica escolhida, que será tomada como a preponderante no desenvolvimento do TCC. Ademais, o estudante-pesquisador deverá explicitar as suas expectativas, com relação ao modo de ver o seu objeto de estudo, por meio da mencionada dimensão historiográfica. Na segunda parte, serão apresentadas a definição e a discussão dos conceitos, termos-chave e categorias de análise, pertinentes ao objeto de estudo escolhido.¹¹

Questões:

- 11) Escolha e caracterize, circunstanciadamente, uma dimensão historiográfica que julgar preponderante para a execução do seu projeto de pesquisa.
- 12) Explique como a dimensão escolhida e caracterizada poderá proporcionar a interpretação e a relação dos dados, fatos, datas, personagens entre si e dos seus sentidos.
- 13) Defina e discuta termos-chave, conceitos e categorias de análise que envolvam o objeto de estudo escolhido.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo indicado: O tema em exame deverá ser fundamentado por meio do seguinte instrumental teórico.



¹¹ *Uma introdução à História*, pequena e valiosa obra de Ciro Flamarion Cardoso, hoje clássica, já mencionada, deve ser referenciada, pela sua inestimável contribuição ao meu trabalho.

5. HIPÓTESES

Hipóteses são suposições baseadas num conhecimento razoável do assunto que o trabalho pretende esclarecer. Elas são provisórias e, por essa razão, sinalizam para respostas prováveis. Ou seja, fornecem respostas que dependem de confirmação. Direcionam a pesquisa explicitando o seu rumo. Em se tratando da História, as hipóteses são entendidas como proposições de natureza geral, verificáveis indiretamente por meio do exame da documentação disponível. As hipóteses poderão ser ou não confirmadas pela pesquisa. Na verdade, elas são invenções criadas para auxiliar a explicação de conjuntos de fatos ou de processos. No âmbito da História, a testagem das hipóteses apenas se processa por meio da evidência histórica.

As hipóteses devem ser formuladas tendo como base a bibliografia sobre o objeto de estudo e o instrumental teórico escolhido pelo pesquisador. O maior domínio do conteúdo referente ao objeto de estudo e do instrumental teórico, facilita ao pesquisador a elaboração das hipóteses. Nestas condições elas orientam o investigador a encontrar os nexos existentes entre os fatos examinados.

A formulação das hipóteses – que depende fortemente da opção teórica – implica na observação de alguns quesitos como: generalidade, verificabilidade, simplicidade, consistência lógica, coerência e clareza do enunciado.

Diferentemente de como se procede nas Ciências Naturais, a utilização das hipóteses em História exige que se leve em conta as especificidades desta área de conhecimento. Pode-se formular uma hipótese central de trabalho. Todavia, o pesquisador deve trabalhar com diversas hipóteses. A medida se justifica pelo fato de ele trabalhar com relações humanas que já se passaram, portanto, com o que não mais existe. O historiador não pode pensar na possibilidade da repetição da experiência. Ele procederá a uma “observação indireta” da realidade em exame. Neste sentido, o número maior de hipóteses utilizadas está relacionado à necessidade do controle sobre suas fontes. São as hipóteses que definirão quais documentos e dados são pertinentes e quais documentos e dados não o são, para a pesquisa em curso.

Formular hipóteses de trabalho depende da cultura histórica do investigador. Esta cultura é construída ao longo de extensos períodos de constante leitura reflexiva. Por esta razão, a prática do ensino de como formular hipóteses é inócua. No máximo, podem-se sugerir alguns passos simples, porém valiosos como os que seguem: ordenação e classificação dos dados disponíveis, escolha de elementos que serão considerados nas hipóteses e que emergem dos dados e do quadro teórico-metodológico, avaliação preliminar da documentação utilizada para a verificação das hipóteses.

No que diz respeito à formulação propriamente dita de hipóteses cumpre observar:

- a) O exame lógico das conjecturas, excluindo incoerências, erros semânticos de enunciação, inconsistências, entre outros;
- b) o esclarecimento dos termos inseridos nas hipóteses;
- c) a opção pelas hipóteses afirmativas em detrimento das negativas (as hipóteses negativas são indeterminadas e, se nada demonstrar que são falsas, serão tidas como verdadeiras);
- d) o entendimento de que as hipóteses explicativas devem ter vinculações com nexos entre fatores e variáveis (exemplo: a variação de preços “x” no lapso de tempo “y” ocorreu motivada pelos elementos “a”, “b”, “c”.);
- e) a compreensão de que enunciados mais diretos sugerem hipóteses mais consistentes;
- f) o enunciado das hipóteses deve ser claro, objetivo, direto e conciso;
- g) as hipóteses devem espelhar a ideia de que a História é a análise das transformações sociais no transcurso do tempo;
- h) quando

se formular uma hipótese levando-se em conta aspectos da realidade social, considerar que as sociedades são totalidades estruturadas e não aglomerados desestruturados.¹²

Ao elaborar o projeto, o estudante deverá formular de 8 a 10 hipóteses de trabalho.

Os elementos acima facilitarão o trabalho de formulação das hipóteses. Execute o que solicita a questão 14.

Questão:

14) Construa de 8 a 10 hipóteses afirmativas de trabalho.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo a seguir: As hipóteses adiante enunciadas, nortearão o desenvolvimento deste estudo.



¹² Na construção do texto desta seção, utilizou-se informações contidas em CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História. Op. Cit.*, p. 66, 72-75, 86, 91-94; BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*, já citado, p.128-188.

6. FONTES E METODOLOGIA

Há dois aspectos essenciais a considerar quanto à documentação: as fontes primárias ou testemunhos de época, que incluem uma multiplicidade enorme de elementos de natureza diversa; e as fontes secundárias ou bibliográficas, representadas pela produção intelectual de estudiosos que examinaram, interpretaram e emitiram, por meio dos seus escritos, pontos de vista sobre o tema considerado.

Não se espera uma relação das fontes que serão utilizadas; o que se pretende, é obter uma notícia sobre a tipologia delas.¹³

A existência e a disponibilidade de documentação adequada ao estudo do objeto proposto é condição necessária para a plena realização da pesquisa.

É necessário explicitar se irá ou não utilizar fontes primárias na elaboração do TCC. Normalmente, o principiante utiliza apenas material bibliográfico: livros, artigos publicados em revistas especializadas etc.

Poderá ainda, complementarmente e com o devido resguardo, utilizar fontes eletrônicas, oriundas de *sites* institucionais, devidamente identificados. Estas são muito heterogêneas. Há material excelente nos sítios eletrônicos. No entanto, predomina material de qualidade inferior, na rede mundial de computadores. O pesquisador deverá estar muito atento quanto a este problema. Quanto às fontes, discuta as questões 15 e 16.

Os procedimentos metodológicos e técnicos estão fortemente vinculados à documentação selecionada. De uma maneira mais simples, porém, pode-se dizer que método é o caminho que deverá ser percorrido na elaboração do trabalho, e as técnicas são as maneiras distintas de como percorrê-lo adequadamente.

Ressalta-se que o método é o instrumento que propicia uma espécie de garantia da objetividade do conhecimento histórico. A intencionalidade do historiador, presente na definição do tema e na seleção da documentação, projeta-se também na elaboração ou na escolha do método, que responde, portanto, pela cientificidade do trabalho.¹⁴

Mais uma vez, retornamos às considerações do Professor José D'Assunção Barros para quem método é uma abordagem historiográfica. E neste sentido é salutar recordar que as abordagens historiográficas são modos de fazer a escrita da História, a partir dos materiais e instrumentos postos ao alcance do historiador como fontes, métodos e campos de observação.¹⁵

O “Aporte bibliográfico utilizado na redação deste *Manual*”, inserido às páginas 25-27, oferece ao estudante um amplo painel sobre a metodologia da História. Neste sentido, recomendamos aos estudantes a leitura sistemática desse material.

Por outro lado, é de leitura obrigatória o texto de José D'Assunção Barros, citado anteriormente, especialmente na seção em que ele examina distintas abordagens como a “História Oral”, a “História do Discurso”, a “História Imediata”, a “História Serial”, a “História Quantitativa”, a “História Regional” e a “Micro-História”. Nesta linha de raciocínio, desenvolva a questão 17.

Deverão ser descritos pormenorizadamente, os procedimentos que serão utilizados no manuseio da documentação. Entre eles, além das abordagens mencionadas, os seguintes: análises e sínteses de problemas e/ou de processos estudados; confronto de realidades e/ou de situações específicas; exame de pontos de vistas semelhantes e/ou de pontos de vistas contraditórios de autores que trabalharam o tema do projeto; descrição

¹³ Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. Op. Cit., p. 86.

¹⁴ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo *et alii*. Op. Cit., p. 15-17.

¹⁵ Insistimos na leitura cuidadosa de BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*, já citada. Do mesmo autor, *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Op. Cit., p. 79-127.

de fatos relevantes contidos no trabalho; análise e síntese de fonte primária; utilização de ferramentas eletrônicas, como instrumentos para facilitar a elaboração do trabalho; elaboração de cronologias comparadas como elemento auxiliar de análise; etc.

Esta seção do projeto de pesquisa deverá ser construída, observando dois pontos distintos e complementares. Inicialmente, a preocupação do estudante se detém nas considerações sobre as fontes. Em seguida, a atenção volta-se para a abordagem preponderante e as demais ferramentas metodológicas e técnicas. Não podemos ignorar que, em razão das fontes disponíveis é que se pensa no instrumental metodológico.

Questões:

- 15) Explícite a natureza da documentação a ser utilizada, se são fontes primárias ou bibliográficas.
- 16) Avalie as possibilidades oferecidas pela *Internet* como fontes para o estudo e comente a importância dos *sites* pertinentes.
- 17) Indique e comente a abordagem e/ou os procedimentos metodológicos e técnicos que serão utilizados para desenvolver o objeto de estudo.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo posto: As fontes, os procedimentos metodológicos e técnicos descritos abaixo, orientarão a elaboração do TCC.



7. ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TCC

A elaboração da Estrutura Provisória, também chamada de Plano de Trabalho para a construção do TCC, facilitará a tarefa da execução do projeto de pesquisa, com a consequente criação de um novo trabalho acadêmico.

Este, por sua vez, possuirá uma estrutura específica, ou seja, uma ordenação própria de suas partes constitutivas. Em termos mais simples, um esqueleto ou um molde que representaria o trabalho a ser construído. Ressalva-se, no entanto, que se está falando da elaboração de uma estrutura provisória, que naturalmente será alterada com o avanço da leitura e da reflexão do estudante-pesquisador.

No caso específico do TCC, o aluno deverá pensar em três ou quatro capítulos, subdivididos, cada um deles em duas ou três seções. Para elaborar a estrutura de um trabalho com estas características, o estudante deverá dispor de conhecimento satisfatório sobre objeto de estudo proposto. É necessário que seja mencionado o conteúdo que se pretende dar a cada capítulo, bem como assinalar o que cada seção do capítulo deverá conter. Todas estas informações deverão ser colocadas de forma bem objetiva, sem perder, contudo, a dimensão do essencial.

A problematização construída pelo aluno, na introdução do projeto de pesquisa, bem como os objetivos e as hipóteses de trabalho, identifica claramente a existência de três ou quatro núcleos temáticos que constituirão o conteúdo dos capítulos do trabalho de investigação.

Em seguida, deve-se verificar se existe coerência entre estes núcleos. É necessário avaliar também se a ordem em que aparecem é a mais adequada. Não se deve negligenciar a questão do encadeamento lógico de ideias entre os capítulos.

Tomadas estas providências, o aluno deve dar nomes provisórios a cada um dos capítulos delineados. Além do mais, é fundamental que seja explicitado o conteúdo essencial a ser desenvolvido em cada capítulo e, neste sentido, discuta a questão 18.

O conteúdo desenvolvido no capítulo, em geral se agrupa em seções ou subcapítulos. É de boa técnica, como já foi dito, mencionar duas ou três seções que integram cada capítulo. É necessário dar nomes provisórios a elas e imprescindível mencionar o que cada uma discutirá. Nesta linha de raciocínio, dê atenção redobrada ao desenvolvimento da questão 19.

Ao executar esta tarefa, não se pode deixar de atentar para a sempre recomendada importância da coerência, da pertinência, do encadeamento lógico de ideias, dentre outros aspectos requeridos pela pesquisa científica.

Questões:

- 18) Apresente os títulos dos três ou quatro capítulos do TCC e redija uma síntese, de 7 ou 8 linhas, do conteúdo que terá cada um deles.
- 19) Identifique em cada capítulo, duas ou três seções com os respectivos títulos e com uma síntese de 3 ou 4 linhas, do que será discutido em cada uma delas.

Exemplo:¹⁶

¹⁶ Utilizou-se como exemplo de Estrutura Provisória de TCC, a do trabalho de Bárbara Dornelas Belchior Costa Andrade, intitulado “Félix Varela no Parlamento Espanhol, 1822-1823: ideias políticas e projetos de um deputado cubano”, publicado neste Site, com referência bibliográfica completa.

1. FÉLIX VARELA E O SEU TEMPO

Neste capítulo serão discutidos aspectos da vida do intelectual cubano inseridos no contexto histórico e no mundo das ideias da época. Privilegia-se, neste caso, o exame das circunstâncias que levaram ao amadurecimento político do deputado havanês. O capítulo está concebido em três seções. A primeira trata da “Formação intelectual de Varela”, a segunda examina “Varela na Espanha” e a terceira discute o “Exílio nos Estados Unidos”.

1.1 Formação intelectual de Varela

Nesta seção será discutido o caminho percorrido por Varela rumo à sua formação intelectual, destacando-se as principais influências recebidas ao longo dos seus estudos.

1.2 Varela na Espanha

Neste subcapítulo serão colocados os principais aspectos da permanência de Varela na Espanha. Serão destacadas as suas atividades intelectuais desenvolvidas antes da posse no Parlamento, bem como sua atuação como representante de Cuba naquele poder do reino.

1.3 Exílio nos Estados Unidos

Nesta seção serão colocados, de maneira breve, os principais aspectos da atuação política, sacerdotal e social de Varela durante os seus longos anos de exílio entre os estadunidenses e imigrantes estrangeiros.

2. PROJETO PARA O GOVERNO AUTÔNOMO DAS PROVÍNCIAS DE ULTRAMAR

Este capítulo abarca o exame da fase do pensamento de Varela em que considera a viabilidade de uma reforma nas relações entre a Espanha e as colônias, com vista à manutenção do que ainda restava do império espanhol. O texto será construído a partir do exame do *Projeto de Governo Autônomo*, de autoria de Varela e estará dividido em duas seções. A primeira focalizará a “Espanha e suas colônias na América” e a segunda discutirá “A questão da autonomia em Félix Varela”.

2.1 Espanha e suas colônias na América

Este subcapítulo discutirá o quadro das inquietações político-sociais vivido pela Espanha na passagem do século XVIII para o século XIX, considerando a crescente deterioração e ineficiência dos instrumentos utilizados na prática das relações com as colônias da América.

2.2 A questão da autonomia em Félix Varela

Nesta seção, serão contempladas as expectativas de Varela com relação à autonomia colonial e à preservação do Império. Com a restauração do absolutismo, o havanês reorganiza seu pensamento. Saiu de Cuba defendendo a autonomia colonial e chegou aos Estados Unidos defendendo a independência política do seu país.

3. FÉLIX VARELA E A INDEPENDÊNCIA DAS PROVÍNCIAS AMERICANAS

Este capítulo discute os pontos fundamentais da proposta de Félix Varela para o reconhecimento da independência e o estabelecimento de relações amistosas entre a Espanha e os países hispânicos que, de fato, já haviam rompido com o império espanhol. Na verdade, o intelectual cubano antecipou a formação de uma comunidade hispânica de nações, que apareceria somente muito mais tarde. O texto estará dividido em duas seções. A primeira destacará o “Movimento de independência na América Espanhola” e a segunda evidenciará “Varela diante do movimento da independência”.

3.1 Movimento de independência na América Espanhola

Neste subcapítulo serão focalizados os cenários mais tensos do processo de independência na América Espanhola, com o intuito de compreender as tentativas de aplicação das medidas restauradoras, que ainda emergiam do Congresso de Viena, já em desestruturação.

3.2 Varela diante do movimento da independência

Nesta seção serão discutidas as ideias de independência defendidas por Varela no Parlamento espanhol. Em razão de sua formação religiosa, pregou a conciliação; uma emancipação negociada. Arguiu a possibilidade de se criar uma comunidade de nações, envolvendo a Monarquia e as Repúblicas.

4. PROJETO E MEMÓRIA PARA A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO

Este capítulo, por fim, examinará as ideias de Varela que dizem respeito à escravidão e à abolição do trabalho escravo em Cuba. O texto será desenvolvido a partir da análise dos escritos produzidos pelo deputado sobre esta questão. Levam-se em consideração duas seções. A primeira enfatiza a “Economia e trabalho escravo em Cuba” e a segunda estuda “Varela e a questão escravista”.

4.1 Economia e trabalho escravo em Cuba

Este subcapítulo tratará do exame das linhas estruturais da economia e do trabalho escravo em Cuba à época de Varela. Nesta perspectiva, há que se levar em conta a conjuntura internacional, que favoreceu a demanda por produtos como o açúcar, o café e o tabaco, com a ampliação do trabalho escravo.

4.2 Varela e a questão escravista

Nesta seção será discutida a posição de Varela diante da questão escravista, enfatizando as ambiguidades comuns aos intelectuais, reveladas pela presença de profundo fosso situado entre o pensamento e a ação.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo dado: O TCC, que se pretende desenvolver, se apoiará na seguinte estrutura provisória.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As referências bibliográficas constituem o conjunto do material consultado, cujos elementos constitutivos deverão ser apresentados de maneira uniforme. Elas integram uma lista ordenada dos livros, artigos, entre outros materiais, citados no trabalho acadêmico, e são colocadas ao final dele. Composto a mencionada lista, as obras relacionadas são apresentadas, segundo as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e não deverão vir numeradas.

Valoriza o trabalho como um todo o procedimento de agrupar as obras de acordo com categorias e temáticas. A título de exemplificação podem ser mencionadas: “Fontes Primárias”, “Textos sobre Teoria e Metodologia”, “Obras Gerais sobre o Tema”, além dos itens temáticos específicos, conforme a conveniência ou necessidade.¹⁷

Há uma distinção entre referências bibliográficas e bibliografia. Esta é uma relação alfabética de textos sobre tema específico ou textos produzidos por um determinado autor. Constituem a lista de referências bibliográficas, todos os textos que foram mencionados no trabalho acadêmico. Os textos que de algum modo enriqueceram o conhecimento do autor do trabalho, mas, que não foram citados, não faz parte das referências. Poderão ser listados à parte como “bibliografia recomendada” ou “obras consultadas”, que deverão aparecer logo após as referências bibliográficas.

Nenhum material utilizado como suporte para a redação do trabalho acadêmico – como dicionários gerais, manuais sobre normas de apresentação de trabalhos e outros – deve ser incluído nas referências bibliográficas.

O jovem pesquisador deverá fazer uma relação de todo material utilizado para escrever o projeto de pesquisa. Este material, em princípio, será também examinado na elaboração do trabalho de conclusão do curso. Naturalmente, naquela oportunidade, serão efetuados os cortes e os acréscimos convenientes, conforme sugestão do professor orientador.

Com o propósito de tornar menos áridos os primeiros passos no desenvolvimento do trabalho intelectual, foram inseridos na seção intitulada “Apresentação das referências bibliográficas mais comuns”, páginas 6 e 7 deste *Manual*, exemplos do que é mais comumente utilizado neste particular.

Por outro lado, a título de complementação, para desenvolver a questão 20, o aluno poderá também se espelhar no modo como foram apresentadas as obras que integram o “Aporte bibliográfico utilizado na redação deste *Manual*”, localizadas às páginas 25-27.

Questão:

- 20) Relacione, de acordo com as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas, os livros, artigos científicos, fontes eletrônicas etc., utilizados na elaboração do projeto de pesquisa.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo a seguir: Apresenta-se, na sequência, as Referências Bibliográficas utilizadas na elaboração deste projeto de pesquisa.

¹⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História. Op. Cit.*, p. 87 e 89.

9. CRONOGRAMA PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO

A elaboração de um cronograma para a execução do projeto, facilitará a tarefa da construção do TCC.

No que concerne ao cronograma, este deverá ser simples e objetivo. Trata-se de instrumento de grande valia. Permite que o estudante se oriente com relação ao tempo disponível para a elaboração da tarefa. No cronograma, o tempo disponível deve ser especificado em semanas ou meses para a execução de cada uma das fases da elaboração do trabalho acadêmico projetado.

Na sua construção, o formato de quadro é o mais aconselhável. São muito comuns os casos de perda de prazos na produção de trabalhos acadêmicos. O estudante não somente está envolvido com outras atividades, acadêmicas ou não, como também poderá dedicar tempo excessivamente longo numa única parte do TCC.

O cronograma refere-se, portanto, à elaboração do TCC, que ocorrerá no último semestre do curso. Não espere o último semestre chegar. Comece desde agora a elaboração do seu TCC.

Observe, a seguir, um modelo genérico de cronograma,¹⁸ para atender o que pede a questão 21.

Exemplo:

ATIVIDADES	FEV/AGO	MAR/SET	ABR/OUT	MAI/NOV
Correções e adaptações no projeto	X			
Coleta de dados	X			
Crítica e elaboração dos dados		X		
Redação do TCC		X	X	
Revisão lógico-gramatical do texto				X

Atente para a sequência dos meses colocados no cronograma acima, conforme o semestre que você irá elaborar o seu TCC: FEV, MAR, ABR, MAI ou AGO, SET, OUT, NOV.

Questão:

21) Faça um cronograma indicando as fases principais da elaboração do TCC e o tempo disponível para cada uma delas.

Esta seção poderá ser iniciada com uma frase como a do exemplo: O TCC, que será elaborado oportunamente, se guiará pelo seguinte cronograma.

¹⁸ Adaptação do que se encontra em CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História. Op. Cit.*, p. 88.

Considerações finais

O *Manual para elaboração de projeto de pesquisa em História* contemplou o conhecimento histórico como um contínuo fazer; ou seja, como uma obra em permanente construção. Explicitou, ademais, que a pesquisa é uma busca que abarca múltiplas e distintas possibilidades; algumas, num primeiro momento, inimagináveis. Por tudo isso, não há soluções prontas, nem receitas acabadas para aprender a elaborar a escrita da História.

Defendeu-se a ideia de que a teoria deve ser construída pelo historiador, pois, essa também possui a sua historicidade. Deve-se, pois, ajustar-se ao objeto de estudo, cuja problematização é tarefa constante do historiador. A utilização de uma teoria desvinculada do empírico, não faz nenhum sentido no estado atual da reflexão histórica.

Paralelamente, destacou-se o compromisso do historiador com o seu tempo enfatizando que o conhecimento histórico é sempre incompleto e permanentemente inacabado, a despeito do trabalho constante dos historiadores na prática do seu ofício, e a despeito de tantos avanços que o conhecimento histórico tem experimentado.

A reflexão histórica, hoje em dia, abandonou, felizmente, as aparentes certezas e os ditos critérios seguros que ofereciam ilusória sustentação à investigação do histórico, buscando reduzir os reais níveis de incertezas acerca do passado. E nesta perspectiva, assume a postura ousada do pioneiro, do desbravador, para ampliar as fronteiras dos vários territórios historiográficos, em busca do desconhecido e do novo, que num primeiro momento pode até parecer inusitado.

Admite-se que ao encerrar a elaboração de um trabalho acadêmico – inclusive o *Manual* que aqui se conclui – o historiador não se encontra diante de um produto acabado. Pelo contrário, o trabalho representa, tão-somente, um momento da reflexão. Na verdade, a produção acadêmica do historiador evidencia apenas um percurso de pesquisa, um caminho percorrido: evidências reveladas, razões das escolhas, modos de abordagens, formas de tratamento, procedimentos utilizados. Em síntese, o pesquisador apresenta um conhecimento que revela a sua percepção, o seu olhar sobre o objeto de estudo que examinou. Nada mais que isso.

Explicita-se, finalmente, que o texto que ora se apresenta emergiu de nossas leituras e reflexões sobre a produção intelectual de autores que integram o “Aporte bibliográfico utilizado na redação deste *Manual*”, colocados ao final do trabalho, com as adaptações e simplificações, pertinentes às necessidades dos nossos estudantes.¹⁹

¹⁹ O texto destas “Considerações finais” foi escrito após uma releitura do trabalho da historiadora Vavy Pacheco Borges. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos, nº 17).

Aporte bibliográfico utilizado na redação deste Manual

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BASTOS, Lília da Rocha *et alii*. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1996.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos, nº 17).

BURKE, Peter. *A Escola dos "Annales", 1929-1989: a revolução francesa na historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

_____. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CADIOU, François *et alii*. *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____; BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

_____; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1990.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. (orgs.). *Questões para a História do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

DIEHL, Astor Antônio. *A História à prova do tempo: da História em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *Do método histórico*. Passo Fundo: UPF, 2001.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos “Annales” à Nova História*. Bauru: EDUSC, 2003.

FERNANDES, Florestan. (org.). *Marx-Engels*. São Paulo: Ática, 2003.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Guia do trabalho científico: do projeto à redação final*. São Paulo: Contexto, 2011.

FONTANA, Josef. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.

GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1983.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos *et alii* (orgs.). *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2000.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. *Sobre História: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn. (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____; NORA, Pierre. (dirs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. (dirs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. (dirs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

MALERBA, Jurandir. (org.). *A História escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; LUCA, Tânia Regina de. (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. *et alii. A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios, nº 159).



Apêndices

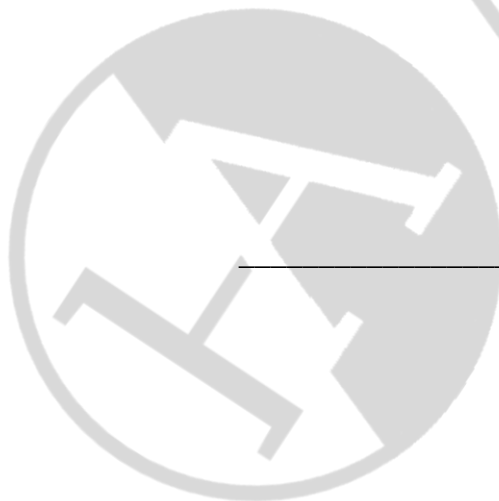
Nas páginas seguintes encontram-se os modelos de folha de rosto, folha de identificação e sumário.



**TÍTULO DO OBJETO DE ESTUDO PROJETADO
(DEVE SER ESCRITO EM CAIXA ALTA E EM NEGRITO)**

por

Nome do Autor do Projeto de Pesquisa



Projeto de TCC apresentado ao Departamento de História da (Nome da Instituição),
como requisito parcial à aprovação na disciplina Projeto de Pesquisa

Local e Data

Nome da Instituição
Nome da Faculdade
Departamento de História
Disciplina: Projeto de Pesquisa
Nome e Matrícula do Estudante

**TÍTULO DO OBJETO DE ESTUDO PROJETADO
(DEVE SER ESCRITO EM CAIXA ALTA E EM NEGRITO)**

Professor e Orientador: Titulação e Nome do Docente

Local e Data

SUMÁRIO²⁰

1. **INTRODUÇÃO**, p.
2. **JUSTIFICATIVA**, p.
3. **OBJETIVOS**, p.
4. **QUADRO TEÓRICO**, p.
5. **HIPÓTESES**, p.
6. **FONTES E METODOLOGIA**, p.
7. **ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TCC**, p.
8. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**, p.
9. **CRONOGRAMA PARA EXECUÇÃO DO PROJETO**, p.



²⁰ O sumário reúne as seções que formam o projeto. Tal como aparecem no sumário (em caixa alta e em negrito), estas seções devem aparecer na primeira linha da respectiva página do Projeto de Pesquisa.